

TREINO: DUPLICAÇÃO

Conferência dada a

24 DE JANEIRO DE 1962

Obrigado. Muito obrigado.

Está bem. Que dia é hoje?

É dia 24 de Janeiro A.D. 12, 1962 do Ano do Nosso Sofrimento, especialmente do vosso.

Muito bem. Tenho boas notícias para vocês. Vou-me sentar nesta conferência, se não se importam. Mas tenho notícias muito, muito boas para vocês, excelentes notícias. É que se vos batessem na cabeça, vos torturassem, vos tratassem com sarcasmo, vos caíssem em cima todo o tempo e vos maltratassem em geral, vocês acabariam por se decidir a descobrir, ultrapassam os meros ataques ao Ron, vejam, isso vai abaixo, vocês ultrapassam isso, e dizem: “ora bem, se todo esse escarcéu está a ser feito por causa disto, 1) talvez exista uma forma correcta de fazer as coisas”, e então tentam isso por algum tempo e não acontece nada de importante. E então, se vos caíssem em cima novamente e vos batessem um pouco mais, vocês decidiam-se então a fazer as coisas correctamente, e de repente faz-se uma tremenda luz em todas as direcções de que realmente havia algo ali. E foi isso que acabou de acontecer, neste excelente dia da nossa Dianética, em 1962. Isso acabou de acontecer.

Porém, aqueles de entre vocês que acabam de atingir o estado de nervosismo do recém-criado II b não estavam à altura disto. E há quase duas semanas que andam para aí a debater-se e a cair de cabeça. E tem sido muito horrível. Quero dizer que tenho de facto sofrido por vocês.

Não sofri pelo PC. Sempre consegui endireitar o PC. Se consigo endireitar o PC, pois bem, não me preocupo particularmente com ele. Mas sofri pelo pobre do auditor, sentado ali a fazer exactamente o que lhe disseram (embora fazendo as coisas de trás para a frente), e com o Ron a assumir a responsabilidade total por tudo andar mal, porque provavelmente a coisa não funcionava, a acordar de repente, a decidir fazer as coisas de forma correcta, e depois o passo seguinte: descobrir que funciona maravilhosamente. Bom, isto é uma vitória e tanto. É uma vitória para mim.

Contudo, tende a validar este sistema de actividade, um sistema de actividade que começa em apatia. Vejam, vocês confrontam alguém em apatia: “nada funciona de maneira nenhuma, e não há maneira nenhuma de fazer nada correctamente. Mas se fizessem as coisas correctamente, nada aconteceria, porque não há nenhuma maneira de fazer as coisas correctamente e nada aconteceria se as fizessem correctamente”.

Ora, às vezes, no meio da acção torna-se necessário lançar uma pequena granada de mão para dentro deste tipo particular de actividade e simplesmente dizer “*Iau, iau, iau!*” em tom indignado, vêem? Quer dizer: “bem, olha lá. Estás a escrever só num lado do relatório do auditor”.

E a pessoa responde: “bem, sim, é claro que estou a escrever só num lado do relatório do auditor, e é isso que todos os auditores fazem, não é?”

“Bem, a maioria faz, mas tu não devias fazê-lo”, vêem? E depois: “Já devias saber melhor do que isso”, estão a ver? “Nunca foi publicado nem divulgado, por isso devias sabê-lo”. Esperar que o estudante tenha apanhado tudo isso por telepatia, esperar que a coisa como que se lhe tenha infiltrado nos poros, como se por associação com os azulejos, ou uma coisa assim, vêem? Não importa muito.

Ora, isto é muito pertinente para vocês no treino dos Classe II. Quando começam a treinar auditores de Classe II devem reconhecer isto pelo valor que tem, e é uma pequena lição que vos posso dar relativamente a fazer uma grande algazarra. O título da lição é: "Fazer uma grande algazarra".

Há duas formas de tirar alguém da apatia, vêm? Eles não sabem e não há forma correcta de fazer as coisas, e de qualquer forma provavelmente não há resultados. Há, pois, duas formas de abordar este problema. Uma está no caminho de fazer auditores e a outra está no caminho da audição. Ora, a maneira de fazer auditores é claro que difere totalmente da maneira de auditar PCs.

Há aqui dois caminhos que usamos, não necessariamente para melhorar casos, mas para que o trabalho se faça. Certamente que o resultado final de tudo isto é o melhoramento de todos os casos, mas há dois caminhos que na realidade usamos e vocês devem reconhecê-los como sendo caminhos claramente distintos. E o primeiro é o que diz respeito à pessoa como auditor. Sempre seguimos algum tipo de linha relativamente a isto, e verificou-se que, numa Academia dos velhos tempos em que esta política não estava em vigor, se faziam auditores muito maus. *Uuaauuu!* Terrível! E o tipo de abordagem era este: "bem, sabemos que não podes auditar porque tens um caso e vamos tentar dar um jeito no teu caso, e se pusermos o teu caso em condições, pois bem, então talvez um dia sejas capaz de auditar". Este tipo de abordagem *não funciona* para fazer auditores. Simplesmente vejam-no como isso.

Vejam, se admitíssemos que o auditor tem um caso, então nunca ninguém em todo o planeta seria libertado. Percebem isto? Portanto isto é apenas uma queixa arbitrária. Vêm? Este dado não pode ser verdadeiro! Não é que seja verdadeiro ou não, simplesmente *não* pode ser verdadeiro! Vejam, não tem lógica absolutamente nenhuma. Simplesmente não pode ser verdadeiro, porque de outra forma nunca se libertava ninguém de coisa alguma por nunca haver quem auditasse. E é perfeitamente verdade. Observei durante anos as academias que actuavam de acordo com esta ideia, o D de T tinha a ideia de que "Se ao menos déssemos processamento a todos estes estudantes e se, de uma forma ou de outra, eu lhes proporcionasse algum ganho de caso e os pusesse todos em forma de maneira que fossem capazes de confrontar os seus PCs, e se tirasse os casos deles do caminho, ora, então poderia fazer deles auditores".

E chega-se a este ponto: "se só admitíssemos 'boas' pessoas na academia...". Ignoramos o que seja esta "boa" pessoa. Está escondida em qualquer lado sob os rododendros, mas parece que até agora nunca se aproximou de uma organização, esta "boa" pessoa, vêm? "Ora, se pudéssemos ter apenas 'boas' pessoas...", essa é a outra canção que se ouve, mas isto ainda é um pouco como uma degradação. Imediatamente depois de ouvirmos falar desta acção das "boas" pessoas, a melodia que se ouve tocar a seguir no realejo desafinado é: "se ao menos pudéssemos auditar todos os casos que se encontram na Academia, ora, então, vejam, eles seriam todos capazes de auditar". E é claro que propuseram uma coisa disparatada.

Vejam, se não há ninguém para auditar todos esses casos que estão na Academia, como raio é que eles vão ser auditados? E não temos Academia nenhuma, temos um HGC. Portanto isto, como filosofia, depressa se derrota a si própria.

Foi pois muito cedo, acho que por volta do 7º ACC, que esta filosofia foi introduzida no treino de auditores. E a filosofia é funcional, não é necessariamente verdadeira, não é necessariamente fácil, não é necessariamente indulgente, nem suave ou agradável. Simplesmente funciona e do ponto de vista do funcional, é verdadeira. Porém, é apenas uma verdade funcional. E consiste simplesmente no seguinte: "os auditores não têm caso", ponto final. Esta é a coisa em que devemos insistir.

Ora, isto vai até ao ponto de, se ele está ligeiramente quente e se se vê o bafô no espelho que lhe pomos em frente da boca, está em forma para auditar. Se é possível arrastá-los para a

cadeira e põe-lhes um E-Metro ao pé, estão em condições de auditar. A coisa vai até um extremo total. Podem estar ali sentados com ambas as pernas cortadas devido a um acidente de viação, mas estão em forma para auditar. E isso é tudo. É simplesmente isso.

É como quando as nações chegam aos seus últimos... vão buscar recrutas à classe dos 14 anos, sabem, à dos 14 anos e dos 72 anos, quem quer que se atreva a aproximar-se, vejam, vindo de hospitais ou de algum outro lado qualquer, seja quem for que se atreva a aproximar-se dos oficiais que estão a formar novos regimentos, vejam, é imediatamente marcado com um carimbo enorme: "APTO PARA COMBATE", vêem? Não tirámos esta ideia a partir deste acontecimento particular, mas é apenas para vos dar uma ideia.

Mas à medida que o tempo passa e a nação se torna mais capaz de trabalhar, começam então a dizer: "bem, esta pessoa não está apta para combater e deve ser auditada" e esse tipo de coisas. Porém, deixem-me chamar a vossa atenção para uma coisa: é que nós não somos uma nação, mas somos seguramente um povo, e isto é muito directamente aplicável.

Não estamos hoje nessa condição de poder dizer: "bem, vamos tomar esta pessoa e auditá-la por algum tempo, e talvez um dia aprenda a auditar e... sabem, se lhe tirarmos o caso do caminho, ora, talvez ela consiga auditar".

Não estamos nessa condição. Não somos assim tão ricos. Reparem, não somos assim tão ricos em pessoas, e também não estamos assim tão avançados nesse sentido. Por conseguinte, o dado acima não só tem sido verdadeiro mas sê-lo-á ainda bastante tempo.

Por estranho que pareça, esta é uma filosofia funcional, totalmente funcional como filosofia. Funciona realmente, e hoje é um desses dias em que vi esta filosofia funcionar. Algumas pessoas da Classe II b, que estão tão longe de Clear, que teriam de ser lançadas num foguetão até à lua para o compreenderem (estou a falar de casos agora, apenas de casos, *bleuuh!* vêem?), foram de facto impelidas para a absorção de dados, para exercerem as práticas regulares, até ao *reconhecimento real* de que o que estavam a fazer terminava num *muito, muito* poderoso, grande ganho, para o PC, e de que *eles* podiam fazê-lo. Isto é muito mais importante. Pois bem, este é um dos dias em que essa filosofia funcionou.

Ora, não estou a dizer que vocês estão num estado horrível. Diria que, quando receberem algum processamento etc., provavelmente subirão até estarem num estado horrível.

Comparem com o estado em que estavam há um par de triliões de anos, ou 500 triliões ou uma coisa assim, por mais chocante que o número seja, e verão que não estão em tão boa forma actualmente, sabem? E para vocês realmente começarem a reconstituir um ser, não um ser humano, qualquer pessoa pode reconstituir um ser humano. Simplesmente peguem numas ondas de choque electrónicas e em alguns implantes, dêem-lhe pontapés e destruam todo o seu autodeterminismo, depois destruam o heterodeterminismo (alterdeterminismo), e depois lancem-no entre o autodeterminismo destruído e o heterodeterminismo destruído e "tratem-lhes da saúde" muito bem e façam com que ele acumule todas as massas e nunca faça as-is de coisa alguma, e têm um ser humano.

Muito bem, portanto vocês simplesmente não teriam mérito nenhum em fazer um ser daqueles. Avancemos um pouco mais para fazer um ser funcional, dar um passo de gigante no sentido de fazer um ser funcional. Ora, isso aconteceu, e acaba de acontecer nos últimos dias. Este tipo de coisas tem vindo a acontecer. Estou muito feliz com isso porque é muito mais significativo do que vocês podem pensar à primeira vista. Significa que a coisa pode ser melhorada pelos seus próprios esforços.

Ora, espera-se que uma pessoa que esteve em treino durante meio ano, sob dura pressão, etc., seja capaz de pegar num processo e poder percorrê-lo, e fiquei muito orgulhoso quando os estudantes mais antigos fizeram precisamente isso, foram capazes de fazer isso e simplesmente deram o pontapé de saída nisso e foi só isto.

Bem, isso foi uma pequena vitória em si mesmo, mas não foi particularmente uma vitória para essa outra filosofia, porque eles têm tido bons ganhos de caso e estão muito longe de onde estavam. As outras pessoas que acabam de chegar à Classe II b não tiveram ainda ganhos de caso muito significativos e foram capazes de o fazer. Ora, isto foi muito importante.

Por conseguinte, vejam, esta filosofia funciona, e é uma filosofia diferente: se ele está quente pode auditar... Percebem? E pode-se realmente exercer suficiente pressão e pressionar suficiente treino a um indivíduo de forma a obter dele realmente uma compreensão e acção adequadas no que diz respeito ao PC, e alcançar resultados tremendamente significativos.

Ora, isso é um triunfo porque, se isso não fosse verdadeiro, nós como povo nunca seríamos bem sucedidos. Nunca teríamos sucesso, e é tudo. Haveria alguns poucos indivíduos capazes, que em breve se iriam abaixo, ao auditarem sete horas e meia por dia. Já ralhei com dois ou três graduados de Saint Hill que saíram e rapidamente entraram numa rotina de auditar cerca de sete horas e meia por dia sem fazer mais nada, sem realmente terem a preocupação de treinar alguém, ou de fazer com que alguém se treine ou conclua o seu treino. Iam apenas auditar pessoas, auditar pessoas, auditar pessoas. Bem, eles não conseguem auditar pessoas em número que valha a pena. É apenas uma gota de água no oceano.

Ora bem, se vocês olharem em volta, descobrem que não há actualmente à face da Terra auditores suficientes que dêem sessões suficientes a um número suficiente de pessoas para produzir qualquer ganho importante na sociedade em geral no próximo século. É matematicamente impossível. Se nunca fizéssemos mais um só auditor, se pegássemos apenas nos que temos neste preciso momento e toda a gente se pusesse a auditar com todas as suas forças, sete horas e meia por dia durante os próximos dez anos, ou uma coisa assim, somem isso e comparem-na com a população da Terra e chegam à conclusão de que é uma gota de água no oceano. É uma quantidade desencorajadoramente pequena. E se nunca mais treinássemos mais auditores, aqueles que tinham sido treinados teriam estoirado muito antes de terem sequer auditado metade da população da cidade de Nova Iorque. Vejam, a Matemática está totalmente contra isso.

Não pensem que, com a vossa audição, não podem produzir uma mudança na sociedade. Certamente que podem, certamente que podem, mas estariam na realidade a criar uma sociedade de *ricos e de pobres*. Por outras palavras, estariam a fazer a sociedade dos favorecidos e dos desfavorecidos, da aristocracia e dos escravos, e por aí fora. Não podiam evitar fazer isso, porque evidentemente podiam seleccionar pessoas aqui e ali e pô-las numa condição formidável e nunca arranjar as coisas de maneira a que elas tenham algum apoio, vêm? Bom, elas... oh, sim! Elas têm uma grande zona de influência, é incontestável! E fazem com que as coisas se façam, é certo, mas deixem-me que vos garanta que nem todas elas seriam temperadas pelas peculiaridades de que eu padeço, que são tornar o Homem livre. Nem mesmo depois de as terem auditado elas padeceriam uniformemente dessa peculiaridade, garanto-vos. Simplesmente não aconteceria.

E passada uma década, duas décadas, uma coisa assim, começariam a ficar um pouco impacientes. Haveria vítimas depositadas nos degraus das suas portas em número suficiente para começarem a erguer troncos e pelourinhos. E quando menos se esperasse, verificávamos que tínhamos duas ou três classes de cidadãos. Haveria os Clears e os escravos, sabem? Dividiríamos toda a sociedade em alguma espécie de linha. Seríamos simplesmente forçados a fazer isto.

É na verdade muito perigoso seguir nesta direcção, porque esta direcção sempre levou as civilizações à decadência e ao caos. Uma civilização bem sucedida composta de escravos e donos de escravos é coisa que não existe. Asseguro-vos que isso não dá bom resultado. Nunca deu e nunca dará. Pois, é atractivo e pode ser prático, mas não tem sucesso. Não tem grande duração e não torna ninguém em grande medida mais feliz.

Assim, isto é muito interessante do ponto de vista de um olhar sobre o futuro. Muito poucos de vocês olham para o futuro da Cientologia, deixam isso para mim de forma marcada. Bem, obrigado, mas quando eu consulto a bola de cristal e olho para daqui a um século, vejo que se apresentam várias imagens, vários aspectos do que pode resultar disto tudo. E não pensem que podem dar um tiro deste volume e magnitude num planeta deste tipo sem criar um efeito. Pode ser um efeito lento, só na medida, vejam, em que seja prático. A sua velocidade não é realmente determinada pela inércia das massas mas pela eficácia e eficiência do que estamos a fazer. E não se pode soltar uma coisa destas numa sociedade ou num mundo deste tipo ou deste tamanho sem que tenha repercussões que vão para além de um século. Continuarão a fazer efeito até este planeta não ser mais do que uma bola de bilhar.

Ora, ele pode tornar-se numa bola de bilhar mais cedo do que vocês pensam. Mas nem todos vocês esquecerão a Cientologia, mesmo que vão para outro planeta. Por isso vêem que nunca disparámos este tiro silenciosamente ou sem causar efeito, entendem?

Não estou a desvalorizar o que vocês, individualmente, podem fazer. Mas se vão executar o trabalho inteira e completamente, ou fazê-lo eficazmente, então o trabalho será feito depressa, e, fazendo-o relativamente depressa, evitarão muitos dos aspectos catastróficos do que poderá acontecer devido à entrada da Cientologia nesta cena. Por outras palavras, quanto mais rápidos forem, melhor o trabalho se fará. É exactamente como auditar um PC.

Num PC vê-se o mundo em geral, vêem? Ele é o microcosmos e o mundo é o macrocosmos, e vejam o que acontece com o PC: sabem que se o auditarem devagar e mal ele faz *thuhh* e fica *dubhh*, e melhora um pouco, e dentro de dois ou três dias diz: “bem, talvez eu consiga. Talvez eu *blá-blá-blá-blá-blá...*”. e de súbito não se sente tão bem, e assim por diante, não obteve um grande resultado, começa a abrandar a marcha e entra em terceira, e coloca o assunto todo em segundo plano, etc. Bem, esses arranques e paragens seriam os arranques e paragens da linha do tempo da civilização em que viveríamos se não abordássemos este problema eficazmente e não o resolvêssemos com bastante eficácia.

E parte dessa eficácia consiste em formar auditores suficientes. Ora, vocês não são suficientes. Vocês simplesmente não são auditores suficientes, é tudo. Simplesmente não existem suficientes.

Não estamos particularmente a tratar de uma questão quantitativa, mas quando digo "auditor" quero dizer alguém que só audita. Têm que acrescentar ao vosso repertório a capacidade de treinar auditores, e então serão suficientes, então tornar-se-ão auditores suficientes, percebem? Logo aí, só as pessoas que estão nesta sala seriam auditores suficientes se treinassem auditores. É contanto que fizessem o vosso trabalho extremamente bem e soubessem pôr um auditor a executar o seu trabalho extremamente bem, vejam, se soubessem isso, com esse tipo de progresso acabavam por ter auditores suficientes. Então o trabalho podia ser feito, vêem? Podia fazer-se. Mas não de outra forma.

Sei que eu próprio por vezes me senti com muita força, mentalmente forte, e enfrentei de peito descoberto as tiradas e caprichos da sorte, dizendo: “bem, isto é suficiente. Realmente eu podia fazer isto tudo sozinho, sabem, simplesmente com uma perna às costas, sabem? Sem ajuda nenhuma. Faria tudo sozinho. É fácil, sabem?”. Realmente sentia-me muito forte nesse dia, sabem? E antes do meio-dia já não me sentia tão forte.

Ora, com os meus níveis de treino e experiência particulares, eu teria talvez, não necessariamente, mas talvez mais razões do que vocês para acreditar que podia fazer o trabalho sozinho, percebem? Fiz trabalhos sozinho que não foram necessariamente fáceis. Pois bem, consegui fazê-los. Mas não creio que pudesse fazer este só por mim, percebem? É um tipo de trabalho diferente, processa-se em termos de longevidade. Abrange muito mais vidas e seres do que qualquer outra coisa que tenha sido tentada neste canto do universo desde há muito, muito tempo.

Ora bem, quanto melhor for feito, quanto mais depressa for feito e quanto mais eficazmente for feito, bem, tanto mais suave será a linha (banda) do tempo que terá pela frente.

Por isso vocês estão ocupados a aprender a auditar. Estão a tratar de aprender a auditar e nisso estão a fazer progressos, muito, muito bons progressos. Aqui não dispomos de muitos recursos para vos treinar na instrução de auditores, mas ao treinar-vos podemos certamente dar-vos um modelo e vocês saberão como manejar outra pessoa qualquer quando a estiverem a treinar, e talvez tirem proveito de alguns dos erros que temos cometido.

Mas não tentem tirar proveito no sentido de serem amáveis. Não tentem tirar proveito no sentido de: "se simplesmente lhe dermos processamento então será capaz de auditar". Não tirem proveito nesse sentido, porque aí não há nada para aproveitar. Se está vivo pode auditar. Entrou no Curso de PE, esteve muito tempo na Ciência Cristã até ter tantos overts contra a Ciência Cristã que se tornou um rosa-cruz, e então tinha tantos overts contra os rosa-cruz que não podia ser outra coisa senão teósofo, e veio aqui para provar que a Cientologia não funciona. Podem fazer com que ele audite. Podem ensiná-lo a auditar, realmente podem.

Mas agora estamos a chegar a uma linha divisória: porquê tantos obstáculos para o auditor, vêm? Porquê ir realmente tão longe para ensinar alguém a auditar? Não, há pessoas por aí, na vossa vizinhança imediata, que podem ser ensinadas a auditar bem, e é com essas que devemos gastar muito tempo. São as pessoas com quem devemos gastar tempo, porque se fizerem delas *muito* bons auditores, é claro que elas podem fazer auditores. E é melhor dispormos, agora mesmo, pela forma como estamos a avançar, é melhor dispormos de um grupo de auditores excelentes do que de uma grande quantidade de auditores muito medíocres. Vejam, isto é preferível. E às vezes põe-se-vos esta questão: "com quem vou gastar tempo?" Bem, o impulso natural é pegar neste fulano que acabo de descrever, que tem tantos overts contra a Ciência Cristã que teve de passar para os Rosa-Cruz, que cometeu tantos overts contra o Rosa-Crucianismo que se tornou teósofo, e apareceu por aqui para provar que a Cientologia não funciona.

Ora bem, este fulano... Bem, infelizmente podem cometer um erro tremendo, e sabem que os instrutores fazem isto? Até um instrutor daqui, de vez em quando, dá por si a fazer isto, e felizmente que dá por si. Fica tão indignado com o desempenho que tem pela frente que concede a essa pessoa mais tempo do que concede ao auditor apto que precisa apenas de um bocadinho mais de treino para fazer um trabalho excelente. Em vez disso dará a este aselha total, vejam, uma tremenda quantidade de tempo e pressão tentando elevá-la a um alto nível de mediocridade.

Lembrem-se disto quando estiverem a treinar auditores. Peguem nos que são muito aptos e dêem-lhes a maior porção de tempo. Vejam, é assim que se faz, e deixem os outros andar ao seu ritmo. Deixem-nos andar ao seu ritmo. Eles têm uma certa capacidade de assimilação. Não quer dizer que os deixem ir embora. Não devem deixar este indivíduo ir-se embora. Oh não, oh, nada disso, percebem? Podem dar um pouco menos de importância à zona ou área em que ele está a ser treinado, mas não se esqueçam dele. E ele lá se vai arrastando a um certo ritmo, e esse ritmo tem muito pouco a ver com o que vocês estão a tentar ensinar-lhe. Ele é apenas um pouco molengão.

É arriscado fixar definitivamente o tempo que alguém levará a aprender alguma coisa. Nunca se pode dizer com precisão. Vou dar-vos uma prova disso. Peguem num dado e tentem ensiná-lo a alguém, pelos velhos processos educativos do 17º ACC. A propósito, esses processos eram muito interessantes. Tentem ensinar-lhe esse dado. Tomem qualquer dado de Cientologia, digam-lho e mandem-no repeti-lo. Este é o mais simples de todos, simplesmente digam-no e mandem-no repetir, vejam, e digam-no e mandem-no repetir, depois digam-no e mandem-no explicar de que se trata, sabem?, dando um exemplo. Vocês dizem-no e ele dá

um exemplo. Esta é a coisa mais estranha que já se fez a alguém. Totalmente inacreditável. Apesar de extremamente simples, este mecanismo tem uma força considerável e é muito interessante. E, a propósito, vi um dado desses fazer avançar um caso muito difícil. Era isso que era interessante nesses processos educativos. Eram muito limitados visto que não faziam avançar muitos casos, mas conseguiam resolver esta questão de "nenhum resultado" no treino, e recomendo-vo-lo.

Na verdade, não temos estudantes suficientemente maus para começarmos a entrar com estes processos educativos e encarregar alguém de dizer um dado que a pessoa deve repetir, e a seguir a pessoa diz o dado e dá um exemplo, ou qualquer uma das combinações destes processos. Havia cerca de três. Mas são muitíssimo bons para o indivíduo em quem perderam completamente a esperança... são muito melhores do que audição. Encarreguem um estudante de ensinar a pessoa por este sistema, sabem? E claro que não têm que usar dados de Cientologia. Podem dizer: "o gato é preto. Bem, agora diz: 'o gato é preto'".

E o indivíduo diz: "bem, há muitos casos ilustrativos em que o gato não é preto".

E vocês dizem: "muito bem, ótimo, ótimo. Mas agora repete simplesmente este dado: 'o gato é preto'". E finalmente conseguirão que eles realmente sejam capazes de... vocês dizem uma coisa, eles são capazes de repeti-la.

Depois, a segunda fase é dizermos qualquer coisa e eles poderem compreendê-la. Por outras palavras, deixem-nos duplicar as palavras e em seguida deixem-nos duplicar a compreensão. No fundo estão a fazer isto no treino, só que estão afazê-lo ao vivo. Vejam, estão afazê-lo completamente. Lêem um boletim e depois vão ter com o Mike. É claro que alguns de vocês desejariam não o ter feito, porém tudo isto faz parte do jogo. Mas ouçam lá, ele não está a tentar ser irrazoável convosco, está apenas a tentar levar-vos a fazer uma coisa. É este passo do processo educativo.

O que está a acontecer aqui é essencialmente isto: eu disse-vos uma coisa e depois ele tenta verificar se vocês são capazes de a duplicar. E não pensem que isto não é terapêutico. É! É mesmo! Mas não estamos interessados nele sob o ponto de vista terapêutico. O que nos interessa é o aspecto da comunicação de um dado, e que vocês cheguem ao ponto de ser realmente capazes de compreender um dado e assim por diante.

Vêem isto como mecanismo de treino? Vêem onde isto vai dar como mecanismo de treino? Vêem quais são as suas fases? Por outras palavras, o primeiro gradiente da coisa é a não-compreensão das palavras. Este é o vosso primeiro gradiente, vejam, a não-compreensão das palavras. Ora, é bastante chocante ver que o moral sofre, e muitas coisas vão mal em alguns HGCs por obrigá-los a duplicar exactamente um boletim. Estão a ver onde eles se encontram? Estão a ver em que passo do treino eles se encontram?

A propósito, no que diz respeito à sua capacidade de aprender, é indiferente. Examinemos isto: digamos que estávamos apenas a tentar aumentar a capacidade de uma pessoa para aprender. Velocidade de aprendizagem, que essa era a única coisa que estávamos a tentar aumentar. Pensem apenas nisso, vejam.

Seria indiferente ensinar a partir de livros sobre montagem de automóveis, sabem?, os manuais usados em Detroit para montagem dos automóveis, para pessoas que nunca vão montar um automóvel, nunca montaram nenhum e nem sequer brincaram com automóveis em miniatura. Vejam, seria indiferente se estivéssemos a fazer isso. Ou ensinar a partir da "História do Socialismo e o seu Desenvolvimento na Parte Norte do Arizona da Administração do Progresso das Obras Públicas", sabem?, há provavelmente uma *grande quantidade* de volumes sobre isso. Pagava-se pela produção de umas pilhas de papel na Administração do Progresso das Obras Públicas. Pegavam em alguém sem emprego, asseguravam-se de que não fazia nada porque de outra forma estaria empregado, e a pessoa só tinha de reunir uma pilha de recortes antigos e documentos, vêem? Não precisavam de

estar relacionados com coisa nenhuma. Em seguida eram publicados à custa do governo em volumes muito pesados com capas bem rígidas, e estavam bastante disponíveis durante um certo tempo. Podiam ser utilizados para apoiar o canto de uma secretária a que faltasse um pé, sabem, e eram muito úteis, porém, eram dados do tipo mais remoto e vago e sem nexos em que alguma vez puseram os olhos. Podíamos usar esses volumes, estão a ver?

Também podíamos usar o "Código Legal da Primitiva Igreja de Inglaterra Interpretado pela Igreja Católica". Podíamos! Usem o que quiserem desde que contenha dados. Não interessa se tem muito ou pouco palavreado, desde que haja dados para estudar, contenha dados para estudar. Mesmo assim fariam isto. Mesmo assim usariam isto para aumentar a velocidade de aprendizagem.

Estão a perceber isto? Vejam, líamos portanto coisas de lá. Teríamos o indivíduo aí sentado e leríamos para ele. Isto seria um tipo de abordagem estilizada de auditor, e diríamos: "Todas as igrejas de Northumbria foram privadas de janelas por causa de um imposto sobre as janelas que era de 3 (xelins) e 6 (dinheiros) por janela por sabático". Sabático. É o que diz no livro, vêem?.

E dizemos ao indivíduo: "muito bem, repita isto". Sabem? "Pois bem, o que é que eu acabei de dizer?" sabem?

E ele diria: "o imposto sobre as janelas... imposto sobre janelas? Que raio de imposto é esse? O que quer dizer *sabático*? O que é isto? Sim. Afinal, que livro está você a ler? De onde vem isso? De que parte da Northumbria está a falar?"

Obtêm esta confusão toda, e aí têm um exemplo do vosso primeiro passo. Ao tentar simplesmente fazer a pessoa repetir uma série de sons (nem sequer lhes chamem palavras, percebem?) ela entra numa tremenda confusão. Assim, a primeira fase em que a pessoa está é de uma tremenda confusão de dados que desaparece com *qualquer* tentativa para duplicar dados. Por isso, ela desaparece imediatamente quando há qualquer tentativa da sua parte para duplicar dados, ele começa a dissipar a confusão. "Northumbria? Qual Northumbria? Que sabático? Dois e seis? Imposto de 2 e 6 sobre janelas. Mas quem é que pode ter lançado esse imposto? Quem... que imposto? O que é um imposto? Havia alguém a lançar impostos sobre alguém nesse tempo?"

Agora descendo ao nível comunista disto, teremos uma célula comunista a reunir-se para discutir se os capitalistas devem existir ou não, vejam, só por termos falado em impostos.

Por outras palavras, aquilo teria descarrilado nalgum botão num sítio qualquer, e teria entrado em total colisão com esse botão, e daí em diante nunca nos teríamos afastado desse botão.

A propósito, isto é de uma tremenda utilidade quando estamos a manejar comissões. Sabem, a arte de fazer com que uma comissão faça alguma coisa nunca foi aperfeiçoada. Nunca foi aperfeiçoada na história do Homem. Se não se quer que uma coisa seja feita, nomeie-se uma comissão. E não se entregue a ninguém da comissão a responsabilidade individual de tarefa nenhuma. Entregue-se apenas à comissão em geral. Então temos realmente mau funcionamento com um ponto de exclamação de todo o tamanho, mau funcionamento daí para a frente.

Bem, é semelhante a maneira de atolar qualquer comissão ou conselho, e alguns de vocês podem um dia precisar de saber isto. Às vezes é muito, muito importante para nós que uma coisa não seja discutida, e não permitir que eles cheguem a uma conclusão ou aprovelem uma moção. De qualquer maneira, as comissões, sendo apenas um meio de chegar a conclusões médias, pouco consideradas, geralmente tomam a decisão errada a respeito de quase tudo. Sabem, faltam-lhes muitos dados e não estão realmente interessadas e ninguém ali é responsável, e de certo modo apenas se querem ver livres de tudo isso, sabem? E entram nesse

estado de espírito e de repente estão a discutir alguma coisa que é um ponto muito, muito importante que vai afectar a longevidade e gestão da companhia ou grupo, e, meus caros, vocês não têm *absolutamente* nenhuma intenção de deixar que isso aconteça.

Pois bem, a forma de fazer isto consiste simplesmente em introduzir qualquer botão que faça com que eles não assumam nenhuma responsabilidade. Introduzam apenas qualquer botão que reduza a responsabilidade deles. Qualquer coisa! Não importa o quê. Dêem-lhes uma palavra restimulativa. Façam isto simplesmente por meio de símbolos. Vejam, vocês estão a tentar paralisar esta comissão, é isso que estão a tentar fazer, abertamente, vejam, para eles não cometerem um acto errado.

Eles dizem: “bem, eu não sei. Não acham que o plano de pagamentos que andam para aí a discutir... não acham que o plano de pagamentos, este plano de pagamentos, quer dizer, podíamos consultar os tipos sobre como está a ser preparado pelo departamento de contabilidade. Este plano de pagamentos, não acham que deveria ser planeado por alguém... o plano de pagamentos?”

E vocês respondem: “bem, sim”. Estão mesmo a vê-lo agora: uma coisa tão estranha que ninguém podia pôr em prática, vêem? E ninguém está particularmente interessado nesta coisa, pelo que...

Um dos principais botões usados neste caso é a palavra *estudo*, reparem, e isso simplesmente atola toda a gente. Introduzam apenas a palavra *estudo* no assunto, percebem? Zás! Os trabalhos ficam atolados aí. E digam só: “propomos um estudo mais aprofundado do assunto”, dando ênfase à palavra *estudo*. E não digam mais nada. Tudo pára. É maravilhoso! Não é obrigatório introduzir o botão desta maneira. Podem dizer algo do género: “bem, não foi da última vez que foi feito este tipo de proposta, não foi esta... ”sabem, havia um fulano chamado Bellham que era *odiado* por toda a organização, vejam, e bastava esta palavra que toda a gente fazia *Eeeeh!* etc., e portanto vocês dizem: “não foi isso que o Bellham propôs da última vez?” E, de imediato, ninguém mais toma responsabilidade pela coisa, vêem? Em seguida começam a discutir acerca do Bellham, e não é preciso mais nada. Eles descarrilam completamente com um botão desses!

E vocês hão-de ver alguém fazer isto, hão-de ver quando eles estiverem a estudar desta maneira. Um fulano cometeu montões de overts contra o Sabat. Portanto vocês dizem “sabático”, ele pergunta a si mesmo se isto tem a ver com o Sabat, e entra-se numa grande discussão acerca do Sabat: “é correcto ter um Sabat? De onde veio o Sabat? Na realidade, não começou por ser introduzido pelo paganismo?” E a coisa continua, continua, continua. Não tem nada a ver com o que estamos a estudar. A pessoa descarrila precisamente neste ponto. É muito interessante.

Ora, pensar-se-ia que esta pessoa teria que receber muita audição para se libertar disto. Não! Há outro sistema que a liberta disto como que ensinando-lhe que ela é capaz de ultrapassar estes pontos de prisão, vejam, que os pontos de prisão não a impedem de duplicar. E ela gradualmente aprende isto, vêem? Esses botões que ela tem na verdade não a impedem de duplicar alguma coisa. Mesmo que seja uma coisa perturbadora e algo de que a pessoa não gosta, ainda assim pode duplicá-la, e finalmente ela começa a ver a duplicação tal como é. Duplicação é duplicação. Não é esgotar botões, é simplesmente duplicação. É simplesmente ela própria, e é tudo.

Pois bem, vocês não conseguiriam ver nada se não pudessem duplicar. Têm que ser capazes de olhar para aquela fila de portas ou uma coisa assim, de olhar para a fila de portas e ver que ali há uma fila de portas. E podem usar isto com alguns PCs em processamento com resultados fantásticos. Basta dizerem: “bem, o que há ali ao longo daquela parede?”

E o fulano dirá: “oh, hum... hum... devem ser os cacifos dos estudantes. Hum... hum... isso é parvo. As portas não encaixam bem na parte superior, pois não? Bem, devem ser uma

espécie de cacifos dos estudantes. É provável que as puseram ali com algum objectivo ou outro".

E de repente perguntaria: "bem, têm algum carpinteiro a trabalhar para vocês?"

E que é que lhe perguntaram? Vocês perguntaram: "o que há ao longo daquela parede?" vêm?

Na realidade, a pessoa só tinha que olhar ao longo da parede e dizer: "há ali umas portas", mas faz sempre as coisas da forma mais difícil. Reparem nela e à primeira vista notarão que faz as coisas da forma mais difícil. Esforçar-se-á duramente durante toda esta acção.

Perguntem a alguém: "o que está por cima da tua cabeça?" Experimentem fazer esta pergunta: "o que está por cima da tua cabeça *neste momento*?"

Falem de forma muito expressiva, para que a pessoa realmente compreenda que é por cima da cabeça e que é agora. E meus caros, vocês vão ter algumas das discussões mais interessantes de que já ouviram falar. Coisas que as estão a ameaçar, etc., bem, não têm muita certeza. Uma rapariga responde: "bem, sim, sei que o meu cabelo não está arranjado, mas, hum..."

Obtemos toda a espécie de descarrilamentos fora do comum, bizarros, em relação a todo o assunto. Bom, o que está por cima da vossa cabeça agora mesmo? O tecto, é claro, é o que está por cima da vossa cabeça neste momento, estão a ver? As pessoas conseguem sempre não ver o óbvio. De facto, são precisos muitos exercícios antes que as pessoas observem o óbvio, e isto é tudo quanto a este passo, é a obnose, ou seja, a observação do óbvio.

"O que está em frente da tua cara?" Perguntem isto a alguém com havingness baixa e que não possa alcançar muito. Façam-lhe só esta pergunta: "o que está em frente da tua cara?"

E claro, a resposta óbvia é: "Tu".

Mas, sabem, podem obter algumas das respostas mais condicionais e bizarras que se podem imaginar a perguntas simples deste tipo particular. Bem, isto é porque o indivíduo não está realmente a acrescentar significâncias a tudo, é porque cada vez que ele pensa em alguma coisa a significância introduz-se e ele pensa que tem que dar mais atenção à significância do que aquilo que se passa.

Por outras palavras, o que lhe está a acontecer no momento, vejam, é menos importante do que o que poderia acontecer-lhe ou que vai acontecer-lhe ou as consequências de tudo isso. Ele está obcecado com as consequências, portanto realmente não está nada em tempo presente.

Bem, quando pegamos neste botão de paragem chamado "estudo", as pessoas tendem de qualquer maneira a reagir fazendo "Hummmm", sabem, e é um botão muito bom para se trabalhar porque se trata de influxo de dados, portanto de duplicação de dados, e não mais importante do que isso, apenas duplicação do dado enunciado. Compreendem, não estou agora a falar de um dado como "um problema é postulado-contrapostulado".

Não estou a referir-me a um dado significativo. Estou a falar de *qualquer* dado, quer seja significativo ou não. Podem dizer: "há um Natal em cada ano", e algumas pessoas dirão prontamente: "bem, isso não é suficientemente importante. É claro que toda a gente sabe que só há um Natal por ano". Farão todo o tipo de conversa fiada e assim por diante. A única coisa pedida era a repetição da vossa frase.

Dizem: "há um Natal em cada ano".

A pessoa responderá: "claro, bem sei que só há um, qualquer estúpido sabe que só há um... o quê?, que espécie de coisa é essa que está a pensar?, a que... a que propósito vem isto?"

E vocês dizem: "bem, limita-te a repetir, está bem? Bem". "Mas o que é que..."

"Simplesmente... repete simplesmente isto depois de mim: 'há um Natal em cada ano'".

"Bem, isso não faz sentido. É claro, toda a gente sabe que há um Natal em cada ano", e assim sucessivamente.

Estão metidos na tremenda não-significância da coisa, vêem? Disseram uma coisa tão insignificante que eles não podem fazer nada com ela. Não tem nada para atacar, e realmente ficam terrivelmente desiludidos, vêem?

Dizem: "a maioria dos homens são machos", sabem?, "a maioria dos homens são machos", ou então "as mulheres são fêmeas".

"As mulheres são fêmeas. Bem, é claro que sabemos que a maior parte das mulheres são fêmeas... de que está a falar? Naturalmente", e assim sucessivamente. "Naturalmente, é claro que toda a gente sabe isso. Porque... porque diz isso?"

E, de repente o tipo fica muito curioso a vosso respeito, de quais são os vossos motivos e intenções e do que estão a tentar fazer.

Bem, é uma proposta fantástica. Vocês só dizem: "as mulheres são fêmeas". "Há um Natal por ano". "Os dias começam à meia-noite".

Algumas pessoas não se aperceberiam disso, sabem?, e perguntariam: "oh, começam? De verdade?"

E vocês dizem: "sim, muito bem. Mas 'os dias começam à meia-noite'; quero apenas que repitas isto: 'os dias começam à meia-noite'".

"Bom, isso é estranho. Não sabia disso, sabes?" E acabam de deslizar para o interesse. E estão totalmente presos no interesse, compreendem?

E vocês dizem apenas: "'os dias começam à meia-noite'. É isso que deves dizer".

E o fulano diz: "ah, bom. Porque hei-de eu entrar nisso, sabe? 'os dias começam à meia-noite....' O que estamos nós a estudar? A lição é sobre Cientologia ou sobre o tempo? Ou o tempo faz parte de Cientologia? Há alguns axiomas relativos ao tempo? Oh, estou a ver! Oh, estou a ver! Sim, estou a ver! Os dias começam à meia-noite! Ah, é... afinal de que axioma se trata?"

E vocês dizem: "não, não. Limita-te a repetir a seguir a mim: 'os dias começam à meia-noite'".

"Sim, mas para quê?"

Já perceberam a ideia, vêem? Por outras palavras, eles têm um mecanismo reflexo automático. Funcionam numa base total de estímulo-resposta e nada mais. Apenas estímulo-resposta total. Mas o que é que está a responder? A pessoa ou um banco? E esta é simplesmente outra forma de desenterrar o thetan.

Finalmente chega-se a um ponto em que o thetan responde. Dizem: "o dia começa à meia-noite".

E ele responde: "o dia começa à meia-noite". E se o dia começa ou não à meia-noite isso não o preocupa. Não tem nada a ver com isso. Vocês só dizem: "o dia começa à meia-noite". Ele diz: "o dia começa à meia-noite".

"Ótimo!" Muito bem. Vocês dizem: "há um Natal em cada ano".

Ele diz: "há um Natal em cada ano". Certo?

Ora, as pessoas que não gostam disto e ainda estão enturbuladas quanto a este assunto, dizem: "bem, o que está a fazer é escravos", vejam, "isso é escravidão" ou uma coisa assim. "Isto é uma coisa muito profunda e com muito significado. Existe alguma coisa de muito significativo nesta operação. Se vocês conseguirem que a pessoa faça isto, vejam, daí em diante ela é escrava, obviamente!", só que os dados nunca confirmaram isto. Só se pode realmente conseguir que uma pessoa dê respostas sensatas quando é capaz de fazer isto, porque pode observar aquilo de que está a falar, e até esse momento consegue-se que nos falem de coisas que não estão a acontecer, e isto é muito desconcertante.

Alguém entra e arma um banzé por causa dos hussardos que estão por todo o lado no relvado da frente. E vai-se ver e não se encontra nenhum hussardo no relvado da frente. E pede-se-lhe que vá ver se há hussardos no relvado da frente e a pessoa responde: “para que hei-de ir ver? Eu já sei”.

E vocês dizem-lhe: “bom, está muito bem. Bom, vamos olhar para o relvado da frente e ver se há lá alguns hussardos”.

“Porque hei-de fazer isso? Está a duvidar da minha palavra?” E agora entramos numa discussão sobre se achamos ou não que ele é um cavalheiro. Estão a ver as diversas divagações que obtemos em relação a isto?

A pessoa começa com uma premissa irracional e acaba com uma idiotice. E apenas se lhe pede que seja capaz de simplesmente duplicar um dado. Diz-se-lhe: “o Natal ocorre uma vez por ano”, e ela diz: “o Natal ocorre uma vez por ano”, e isso não a incomoda nem deixa de a incomodar.

Ora, ao mesmo tempo este indivíduo pode dar meia volta e fazer outra coisa que é muito interessante. O indivíduo pode fazer com que ele próprio seja duplicado. Assim, tem um pensamento novinho em folha e muito seu e diz: “vou pintar esta casa de verde”. E vai lá fora e diz a alguém: “pinte esta casa de verde”.

E a pessoa diz: “hum-humm-mmm. Verde crómio, será?”

“Não, não, simplesmente verde”.

“Oh, bem. Há muitos tipos de verde, sabe? Verde, há imensos tipos de verde. E também muitos tipos de tinta. Em que loja costuma comprar? Bem, digo-lhe o que vou fazer. Há uma casa no condado (concelho) ao lado deste que está pintada com um matiz de verde especial. Vamos escrever-lhes uma carta e saber a que empresa compraram a tinta e qual é o matiz, mas é claro que primeiro terá de ir até lá e dar uma olhadela à casa para ver de que cor é a casa realmente”.

E vocês diriam: “não, eu quero a casa pintada de verde comum, corrente, banal, apenas verde”.

E eles tentarão outra vez. Dirão: “algumas tintas duram menos do que outras”.

Se vocês podem fazer isto, é porque vocês próprios desenvolveram a capacidade de fazer com que as vossas próprias ideias sejam duplicadas. E ficariam surpreendidos, se conseguissem fazer isto bem, surpreender-se-iam com a crescente facilidade com que a duplicação ocorre à medida que a vossa capacidade aumenta. Saem e dizem a uma pessoa para pintar a casa de verde, ela tira o catálogo de cores do bolso e pergunta: “você quer esta, ou esta, ou esta? Quer essa? É essa. Muito bem”. Vai comprar a tinta e pinta a casa de verde, faz um bom trabalho e tudo corre bem. Isto reduz imenso a randomidade (casualidade).

Por outras palavras, ao aprendermos a duplicar podemos chegar ao ponto de nós próprios podermos ser duplicados. Bom, isto não é exactamente uma actividade de processamento. Este é o processo da vida e do viver que é o mais significativo. E é havingness aos montes porque começamos a ter as coisas que nos rodeiam.

Muito bem. Além da duplicação vem a compreensão. A compreensão vem *depois* da duplicação, não antes. Agora, até onde acham que foi a compreensão deste fulano quando lhe disseram: “o Natal chega uma vez por ano” e ele respondeu: “ora, porque estamos a falar nisso? Não me parece que tenha muito a ver com o p...”, e assim sucessivamente.

Bem, vocês descobrirão que quase todas as suas perguntas equivalem a não-compreensão, ou a uma tentativa de compreender. Vocês forneceram-lhe o dado de que o “Natal chega uma vez por ano”, este é o dado que lhe forneceram.

Ora bem, ele tenta furiosamente compreender esse dado, mas não consegue entendê-lo. Então tentará freneticamente compreender este dado, saber de que dado se trata, compreender

os vossos motivos ao tentar fazer com que ele compreenda este dado, tentando compreender a que se aplica o dado, tentando compreender por que não há nada aí para compreender, e vocês vão descobrir que a maior parte dos seus "Ooooooooo-oooooooo-ummmm" é apenas algum tipo de esforço para compreender.

E é por isto que o estudo é um botão tão importante, porque "fazer com que os outros compreendam" alivia uma pessoa de qualquer responsabilidade de compreender. Todos os governos do mundo actual estão totalmente obcecados por isto como mecanismo. Este é o seu mecanismo de funcionamento. Não têm que compreender coisa alguma porque podem sempre mandá-la estudar, vêem? E isso simplesmente *pára* totalmente qualquer progresso numa comissão ou o seja onde for. *Pára* imediata e instantaneamente. Diz-se: "isto vai ser estudado de outro modo, pelo que não têm que duplicar nada disto, e portanto não têm... se vai ser estudado vocês não têm que compreender nada disto e portanto tudo o que esperamos de vocês é que ponham em prática uma coisa da qual não têm compreensão nenhuma e que para começar não descobriam". E temos assim os processos democráticos habituais quando são completamente abusados. São bastante loucos. Vejam, a democracia não funciona na ausência de compreensão. Não pode funcionar.

Ora, portanto, aqui está a vossa segunda questão. Se a responsabilidade de compreender depende de estudo pessoal, e de facto depende, pois então, é claro que aumentámos a capacidade da pessoa para entender ou compreender. Não só o Natal chega uma vez por ano, mas agora, para além disso, a pessoa é capaz de compreender e estudar "Natal" e "uma vez por ano" e aquilo a que isto se refere. Agora ela é capaz de descobrir que se trata de um dado sem importância absolutamente nenhuma.

Até esse momento podia ser importante e podia não o ser, valha-nos Deus, nunca seríamos capazes de descobrir se era alguma coisa que *tínhamos de saber*, ou algo que não nos interessaria muito, ou algo que nos punha em risco de sermos fuzilados se não soubéssemos, ou algo que seria certamente melhor esquecer depressa, ou algo que tem a ver com o facto de a maioria das pessoas usarem sapatos com as solas sujas por baixo. Estão a compreender?

Portanto, a classificação da importância dos dados é o que está aí como segundo passo. Bom, este é o vosso terceiro passo. O vosso primeiro passo é nenhuma compreensão, não duplicação, confusão. O segundo é apenas a capacidade de duplicar. E depois disso obtemos a capacidade de entender, de compreender, e portanto adquirimos a capacidade de observar. O discernimento encontra-se neste campo e este é um caminho para o discernimento.

Ora, nunca ninguém se preocupou realmente em ensinar discernimento a alguém até agora, em 200 triliões de anos. E não vão encontrar muito discernimento em qualquer dos *bancos* que tenham. Se ele contivesse muito discernimento, não o teriam como banco. Vamos examinar isto. Se esta valência tivesse sido capaz de muitíssimo estudo, diferenciação e discernimento, não a teriam como valência aberrativa. Não é assim? Portanto isto tem escasseado na linha do tempo.

Temos portanto aqui, essencialmente, uma nova perícia. Vai ser muito difícil fazer com que alguém a adquira através de audição porque as pessoas nunca a tiveram. Antigamente eram capazes de observar, mas como observavam? Distorciam sempre a observação de forma a transformá-la num jogo ou numa coisa assim. Observação pura, estudo puro, duplicação pura, compreensão pura, ou discernimento puro nunca foram objecto de estudo no campo da filosofia. Simplesmente não existem. Nem sequer encontrarão estas coisas como assuntos de discussão. São tocadas muito ao de leve pelos Platões e os Sócrates e outros do passado, mas apenas tocadas muito ao de leve. Totalmente evitadas em religiões e filosofias religiosas. Oh, eles fugiam disto como da peste! Oh, era como pôr-lhes uma serpente à frente a cuspir, sabem? Hãã! Entendimento, compreensão, duplicação? Oh, não, não, não, não, não! Isso é o que não se deve fazer!

Sabemos qual é a fonte de tudo isto, é claro. O maior overt que existe é forçar uma não compreensão. Isso é um overt! Não acreditam? Um dia peguem numa pessoa e perguntem-lhe: "que fizeste?" Oh, esta rapariga tem ocultações, tem crimes, não pode usar nenhum dos seus vestidos porque estão todos manchados de sangue, sabem? Não se atreve a meter a mão na mala por causa das áspides que lá foi metendo, sabem? Nem sequer pode abrir o seu armário de medicamentos com segurança por causa do arsénico que se pode entornar, sabem? E perguntamo-lhe: "o que é que fizeste?"

E ela responde: "o que fiz? Bom, jantei".

Perguntamos: "bem, o que é que ocultaste?"

"Não ocultei coisa alguma".

"Muito bem. Ótimo. Bom, o que é que fizeste?" "Oh, sentei-me aqui há bocado".

"Ótimo. Bom, o que é que ocultaste?"

"Nada. Nunca oculto nada. A minha vida é um livro aberto".

E ficamos completamente loucos ao tentar fazer uma Verificação de Segurança a esta pessoa, porque não encontramos nenhuma responsabilidade na qual a Verificação de Segurança se possa apoiar. Temos que aumentar a sua responsabilidade antes de podermos encontrar quaisquer ocultações.

Elas estão lá, mas completamente amordaçadas, vejam, pela irresponsabilidade da atitude do PC. Vejam, uma das formas de se ver se um caso está a ter ganhos, é se está ou não a soltar mais ocultações. Bem, esta é só outra forma de dizer: "o caso está a ganhar em responsabilidade?" Sim, o caso está a ganhar em responsabilidade, porque está a divulgar mais ocultações. Não eram ocultações até essa altura.

Mas podemos pegar nesta mesma pessoa, esta mesma rapariga, e perguntar: "o que é que a tua família não sabe?"

"Ah, bem, isso é outra coisa. Bom, não sabem que eu envenenei o João, que matei o Pedro a tiro. Não sabem muito acerca de onde escondi o cadáver no mês passado. Não sabem o que aconteceu às crianças. Ah, ah, ah, ah! Eles, ah... ", vejam, e "não sabem" ainda é um botão. Mesmo até ao nível mais baixo "não sabem" ainda é um botão, até ao nível mais baixo e até ao nível mais elevado, é um botão a todos os níveis.

Podemos sempre fazer a Verificação de Segurança com os botões "não sabem" e "não saber" quando os overt e ocultações estão a passar por cima da cabeça do PC como aqueles voos espaciais orbitais que não levantam voo, sabem? Vejam, o "não sabem" actua a todos os níveis.

Portanto, um estudo da condição de não-conhecimento foi abordado em filosofia por dois filósofos, especialmente dois filósofos: um é Kant e o outro é Spencer. E eles concluíram que o que não era conhecido não podia ser conhecido. Oh, que interessante! Por outras palavras, o mais perto que a filosofia chegou do "não sabem" ou "não saber" foi que não se pode saber. Interessante, não é?

Portanto, como lhes expliquei, não houve caminho nenhum para o discernimento.

Agora, há muitos anos que tento ensinar-vos discernimento. Tem sido uma tarefa dura e difícil. Discernimento relativamente a outro ser, a capacidade de compreender o que se passa numa sessão e operar com discernimento de forma a fazer a coisa correcta. Pois bem, sabem o que vos impede de ter discernimento? É simplesmente a condição de não-conhecimento de tudo isso. Bem, de onde vem a condição de não-conhecimento de tudo isso? Começa em primeiro lugar na duplicação. Essa é a entrada.

Oh, é claro que vocês podem fazer uma Verificação de Segurança e livrar-se disso. "O

que é que as pessoas não sabem sobre ti?" etc., e tornar o fulano muito mais esperto, mas essa é uma abordagem por processamento, e agora não estamos a falar de uma abordagem por processamento porque não há nada aí para tratar. Vejam, o processamento trata daquilo que existe, compreendem?

Ora, se um thetan alguma vez chegou a um mau estado, ele invalidou o seu próprio discernimento, perdeu o seu discernimento. Toda a lição deste universo é ensinar a pessoa a não duplicar, tal como a ensina a não comunicar.

Sabem, há apenas dois crimes neste universo que vocês cometeram e levaram outros a cometer, que acusaram os outros de cometer: um é estar aí e o outro é comunicar. Estes são os dois crimes. Não existem outros além destes, estar aí e comunicar. Ora, se esses dois crimes são crimes, e essas coisas foram transformadas em crimes, então só há uma outra coisa acerca da qual vocês podem possivelmente tomar uma decisão: a pessoa tem que aprender, pode dizer-se, não aprender realmente, mas sentir-se confortável com o estar aí e comunicar. E o caminho e a rota a seguir para nos sentirmos confortáveis com o estar aí e comunicar seria naturalmente a duplicação de um dado.

Ora bem, um dado é uma localização que não tem que estar definida. Um dado é uma localização, parente do thetan, sabem? Todos os dados são como que parentes do thetan. Sabem?, ele é uma ideia, ele por vezes pensa e tem ideias e pode comunicá-las. Podemos sempre meter um montão de ideias na nossa pasta de thetan e não ter massa nenhuma. Por isso, são o ideal do ponto de vista de transporte, a coisa mais portátil do mundo é uma ideia, por isso os thetans expulsos daqui e expulsos dali, começam a usar ideias como localização. Eles sentem-se confortáveis quando têm uma ideia, sabem? E essa ideia com a qual se sentem confortáveis é uma identidade. Mesmo que a identidade seja móvel, eles sentem-se mais confortáveis com uma identidade do que sem ela, porque ela dá-lhes a sensação de estarem localizados. Eles gostam disso.

Por conseguinte, qual é a conclusão disto? A conclusão é que se pode aprender a ter discernimento, e a forma de aprender a ter discernimento consiste apenas nestes dois passos: duplicação de dados e, a seguir a isso, compreensão. Havendo duplicação, eles compreendem. Não é o contrário: não se consegue compreensão e em seguida duplicação.

Então, o que devem saber acerca disto é que *qualquer* dado serve desde que seja um dado, qualquer dado. "Classificação das Formações Geológicas do Médio Oriente Observadas pelo Departamento Geológico, em Exercício desde as Nomeações feitas pela Fundação Rockmount, Relativas Unicamente a Xistos e Avalanches dos Desfiladeiros da Arábia Saudita Meridional", em 185 volumes in-fólio, vêem? Isto são dados, sabem? São dados invulgares, sabem?

"Os xistos anamórficos encontram-se com frequência intimamente misturados com horneblenda". Dizemos ao PC: "os xistos anamórficos encontram-se com frequência intimamente misturados com horneblenda". Bem, seria uma situação *fascinante*. É claro que ele acabaria por ter um exercício. Acabaria com uma capacidade para fazer alguma coisa, e também acabaria por ter discernimento em relação às mulheres, o que acho maravilhoso. Sabem, ninguém conseguiu isso. Tenho andado a tentar estes anos todos. É impossível. E contudo ele conseguiu-o estudando os xistos anamórficos das formações de horneblenda. Muito interessante!

Ora, para além disto não podemos entrar no ensino do discernimento. Não podemos ensinar a uma pessoa os juízos que deve emitir sobre uma coisa, e, por outro lado, pedir-lhe que emita juízos sobre essa coisa. Vocês percebem que podem ensinar dados a uma pessoa. Sim, pela força da beingness que há em vocês podem transmitir comunicação e compreensão às pessoas e elas realmente compreendem-no.

Bem, dou-vos um exemplo. Num ACC não fiz mais do que dar conferências. Ninguém

auditou ninguém durante todo o ACC e todos tiveram maravilhosos ganhos de gráfico. Dei-lhes duas conferências por dia e examinámos toda a espécie de dados e assim por diante. Bem, isto foi apenas a transmissão de compreensão e entendimento, e eles sentiram-se melhor e tiveram uma porção de cognições sobre o assunto e a vida pareceu-lhes melhor. Compreendem? Portanto, isto foi, por si só, uma espécie de processamento. E foi um dos ACCs com ganhos de caso mais elevados que tivemos, o que é interessante.

Ora bem, isto é totalmente possível, e sem esta possibilidade é claro que nunca iríamos a parte nenhuma. Por isso essa possibilidade existe naturalmente.

Mas tomemos a outra. Tomemos a outra. Elevemos o nível de perícia quanto ao discernimento, criemos então, aberta e directamente, um nível de perícia em discernimento. Faríamos isso pela duplicação.

Muito bem. Qual é a importância disto aqui? Qual é a importância disto? Estamos a fazer isto... vocês não vêem como isto está a funcionar de acordo com os processos educativos do 17º ACC, a primeira razão (para não vos ocultar nada, etc.) é que isto não foi realizado nem racionalizado directamente a partir deles. Aquilo com que estão a lidar neste preciso momento tem origem num conhecimento anterior ao 17º ACC. O 17º ACC é uma manifestação desse conhecimento, da maneira de lidar com estas coisas. Nem se trata necessariamente de um esforço preconcebido para vos dar compreensão.

Também não é disso que se trata. Trata-se, acidentalmente, de duas coisas diferentes, e uma dessas coisas é apenas a acção de compreender e duplicar, é disso que se trata, e ao mesmo tempo estamos a lidar apenas com os dados de Cientologia que vocês podem aprender.

Mas acontece que os dados de Cientologia estão a ser usados para desenvolver, em vocês, discernimento, mas não em relação a Cientologia. Ora, vocês não dão por isso porque estão a aprender discernimento através de uma linha muito alta e forte. É uma linha de alta tensão, vêem? Por isso, se conseguirem aprender discernimento a partir desta linha, estupendo! Porque esta linha, de todas as linhas possíveis, tenderia a destruir o vosso autodeterminismo e discernimento, não é verdade? Claro, não vos é dada nenhuma oportunidade de pensarem no que é a vida. Meu Deus! Há alguma coisa mais em que pensar além do que é a vida? Não é isso? Bem, então eu digo-vos o que é a vida, e então vocês não têm que pensar mais nisso, está tudo resolvido, e pronto, hum?

Bem, os dados são verdadeiros e por isso tendem a ficar, certo? Sabem que muitos de vocês, sem darem por isso, passaram directamente através de terem sido ensinados nisto? E alguns de vocês nem notaram que passaram através de terem sido ensinados isto. Chegaram ao outro lado da coisa, à compreensão disso, e agora têm a compreensão disso, não por vos ter sido ensinado, mas porque compreenderam isso. E é a isto que chamamos "fazer seus os dados". Nós temos dito muitas vezes isto aos estudantes, mas alguns de vocês talvez não tenham examinado muito bem o que queríamos dizer com "fazer seus os dados".

Por outras palavras, a pessoa tem que seguir o processo de duplicação de dados até à sua compreensão, e com essa compreensão dos dados tem o passo final, que é a compreensão, totalmente autodeterminada, da existência dos dados. E quando se lida com a verdade temos sempre este quarto passo. Temos a capacidade de tomar consciência e de percebermos.

Portanto, primeiro temos este "*Thaa!* Qual parede? Não me peçam para duplicar nada". Depois temos a duplicação simples, seguida da compreensão, e esta é seguida da tomada de consciência ou da própria compreensão. E assim se restaura o próprio autodeterminismo da pessoa neste percurso.

É claro que ele é mais rapidamente restaurado neste percurso... ensinando à pessoa a verdade exacta de alguma coisa. Existe a verdade de uma coisa, ela é capaz de duplicar a verdade da coisa depois de muito esforço mental, e esta verdade da coisa é imediatamente

seguida da compreensão dessa coisa que lhe foi ensinada. Vocês sabem que isto é uma fase, ela ainda depende de nós para compreender o que lhe foi ensinado. E a fase seguinte para cima é a compreensão a que de repente chegou num passo mais à frente, pelos seus próprios meios, por assim dizer. Recuperou a capacidade de compreender, de modo que a seguir pôde por si mesma compreender. Este é o caminho que vocês estão a seguir. Este caminho tem total autodeterminismo (autodeterminação) e heterodeterminismos (alterdeterminação) e tem, é claro, por consequência, pandeterminismo (pandeterminação), tudo misturado, tudo de um só golpe.

A pessoa torna-se pandeterminada em relação aos dados. A pessoa pode compreender, não só a razão por que aprendeu os dados, mas também a razão por que os dados lhe foram ensinados, e compreender e perceber... é claro que a compreensão inclui a verdade do dado em si, independentemente de o dado lhe ter sido ensinado. E com isto, é claro, a pessoa alcançou um pico elevado da capacidade de opinar acerca de alguma coisa. A pessoa tem então discernimento. Não existe outro caminho, que eu saiba. Quer dizer, se este não é um caminho perfeito, muito bem, não é um caminho perfeito. Não há um caminho perfeito. Talvez haja um caminho perfeito, mas, se este não for um caminho perfeito, então não há neste momento nenhum caminho perfeito disponível.

Mas há este, que é o primeiro caminho a seguir para chegar a um tal produto final. Isso ele é sem dúvida. E está ligado a uma função completamente diferente. Portanto temos uma actividade lateral da mesma coisa. O que quer dizer: temos esta coisa a fazer duas coisas. Não tem importância. Bem, o vosso instrutor tem por vezes ideias horríveis e diz: "muito bem. Agora, que espaço de tempo há numa leitura instantânea? Quão rapidamente deve ocorrer a leitura depois de se acabar de dizer a coisa... uma leitura instantânea?" Não sei quantas respostas têm. Eu nunca iria corrigir isso, por nada deste mundo corrigiria isso. Isso dá uma magnífica oportunidade ao instrutor. Ele pode dizer: "sim, mas *nessa* palestra gravada, vêm? O que diz *nessa* palestra gravada? *Nessa* palestra gravada!"

E vocês dizem: "bem, na realidade é meio segundo, um quarto de segundo, um quinto de segundo, um décimo de segundo, não importa. Quer dizer aí... ora aí está".

"Ah, mas o que é que está nessa palestra gravada?"

"Bem, não lhe posso dizer o que está nessa palestra gravada. Não interessa se é um quarto de segundo, meio segundo, um quinto de segundo etc., etc. Quero dizer, qualquer destas respostas, etc"... natter, natter, natter, natter.

E ele diz: "Falhou!"

E vocês voltam para trás a resmungar, e cometem um monte de overts contra mim, e por aí fora, e escutam de novo a palestra gravada, e exclamam: "bem, que é isto? Espera lá, vejamos! O que é que está exactamente nesta palestra gravada? Oh, com a breca! Nunca tinha ouvido isto! Um vigésimo de segundo! Um vigésimo de segundo! *Puuuff*.~ De acordo", e entram. "Um vigésimo de segundo".

"Muito bem, é isso".

Ora, vejam, seria totalmente pedante (e não estamos a fazer isto neste outro sistema) seria totalmente pedante da parte do instrutor perguntar: "quais são as primeiras sete palavras do quinto parágrafo do terceiro boletim escrito no mês de Junho de 1959?" Vejam, isto transforma-se apenas num concurso de memória, e, se repararam, quase todo o estudo se dedica a fazer concursos de memória. E ninguém vos pede que tomem parte num concurso de memória. O que se vos pede é que empreendam uma actividade de duplicação. Se forem capazes de duplicar os dados, mais tarde ou mais cedo a memória surgirá, até mesmo a vossa.

É muito, muito horrível para alguns de vocês o primeiro confronto com esta coisa. Acham-na medonha! Acham-na completamente horrível. É a coisa mais horrível que alguma

vez confrontaram. Reconheçam o mecanismo que têm pela frente e reconheçam que nem por só um momento alguém vai abrandar em relação a este dado. Descubram também que, à medida que avançam, de repente são capazes de compreender coisas que não eram capazes de compreender antes, o que é muito peculiar, e possivelmente nunca notaram isto, mas estão agora a compreender coisas que nunca compreenderam antes e que têm a ver com outras coisas que não se relacionam com o treino, nem com o conteúdo do assunto em que se estão a treinar, o que é bastante espantoso. Põem uma coisa em marcha desta forma e têm ganhos noutras direcções, que é o que o auditor tem de ter. O auditor tem de ter compreensão. Tem de ser capaz de compreender aquilo para que está a olhar. Tem que compreender o que se passa.

Um auditor que se mete numa situação destas está arrumado, está perdido. O PC diz: "ah, as mulheres são tão chatas!" E faz ao auditor o mesmo que vocês podiam ter feito à comissão. Disse essa palavra fatal, duas palavras fatais: disse *mulheres e chatas*. Estas coisas não são compatíveis, é chocante! Não se pode juntar essas duas palavras na mesma frase. Quem é que ia imaginar que alguém se podia chatear junto das mulheres?

Isto é incompreensível, e o auditor ali sentado começa uma espécie de natter, natter, natter, interrompe o PC, estão a ver? "As mulheres, chatas? As mulheres, chatas? De que está você a falar?" E em vez de fazer "TR 4" alegremente, e de continuar com a sessão, faz "Natter, sub-natter". Faz todo o tipo de coisas, faz Q-A. "O que foi que disse? Onde vamos nós? O que está a fazer? Porquê? Porque disse aquilo? Tem um engrama aí? O que é que está a acontecer em relação a isso? e assim por diante. Por outras palavras, o auditor entra num "tentar compreender", entenderam isso?

O PC pode por vezes pôr-vos a "tentar compreender" e darão com vocês a passar um mau bocado a auditar o PC por uma razão completamente diferente. Não se auditam os PCs por telepatia, e este PC não fala muito nem alto, estão a ver? E vocês perguntam ao PC: "Muito bem, qual é a sua opinião sobre as mulheres?"

E o PC diz: "*hummm-hummm*".

E vocês têm de perguntar: "o que foi que disse?" Não compreender o que o PC diz é um delito de primeira ordem. O PC está como que a colocar-vos numa situação em que vocês são levados a pensar que não compreendem o PC porque não conseguem compreender o que o PC está a dizer.

Eu habitualmente remedeio isto muito bem, o PC vai... inclina-se, enrola-se como uma bola, com a cabeça para baixo na cadeira, a boca totalmente comprimida contra a curva do braço, e diz: "*hummm, hummmm*", e assim por diante.

Não me arrisco a causar qualquer quebra de ARC, minha ou dele. Digo-lhe:

"Endireite-se. Muito bem. Endireite-se. Está bem. Agora fale mais alto".

169 E o PC diz: "*hummmmmmm*".

Eu digo: "está bem. Agora, diga lá outra vez qual era a resposta?"

"Oh, as mulheres são tão chatas!"

"Muito bem. Muito obrigado", percebem? "Está bem".

Por outras palavras, obrigo o PC a comunicar comigo, o que pode ser mais difícil, mas descobrirão que provocam quebras de ARC quando não o fazem. A escolha é vossa. Por outras palavras, se o deixam nessa condição, vão ter... ao fim de pouco tempo vão ficar sem perceber absolutamente nada do que se passa com o PC. Vão também sentir que não compreendem o que o PC está a fazer, e portanto não podem ver nada do que está a acontecer ao PC e todo o tipo de coisas podem acontecer descontroladamente.

Mas voltemos à outra coisa. Tomemos um auditor que não é capaz de duplicar alegremente um dado, um dado sem nexos, mas insiste sempre em se atolar num botão. O PC

diz: "as mulheres são tão chatas" e ele sabe que isto não pode ser, e ele próprio tem muitos problemas com mulheres.

E a sua reacção imediata é: "porque é que as mulheres são chatas? O que é isto?" e assim por diante, e a discussão põe-nos fora de sessão neste ponto. "Você está a provocar-me. Não acredito nisso. Isso não tem nada a ver com o assunto. Porque chegou a essa conclusão particular? Não vejo nada no comando de audição que o possa ter levado a essa conclusão".

O PC finalmente diz: "bem, foi simplesmente uma cognição!"

E o fulano responde: "bem, é simplesmente uma cognição. Essa é uma coisa extraordinária para dizer, pensando bem, sabe? É uma coisa extraordinária para dizer, é apenas uma cog..."

Mas o PC disse: "mas foi apenas uma cognição. Sabe, eu simplesmente o disse, compreende?"

E vocês dizem: "bem, está certo".

E o auditor continua, vejam, e audita-o por um pouco mais de tempo, e o PC diz: "mas todos os homens são estúpidos, bem vistas as coisas".

E *estúpido*, sabem, é um botão, por isso o auditor reage: "Estúpidos? Quem? Oh? Quem? Quem? Quem? Que disse... pode repetir?" "Todos os homens são estúpidos".

"Porque diz isso? Tem aí alguma imagem?" e por aí fora. "O que se passa? Quer dizer, tem uma quebra de ARC? Tem ocultações? Está a ocultar alguma coisa? É isso que está a ocultar, que todos os homens são estúpidos? Bem, que sentido tem isso exactamente?" e assim por diante.

E o PC diz: "mas é apenas uma cognição. Eu... eu apenas... apenas... eu... eu... eu apenas tive essa ideia. Desculpe. Desculpe".

Em seguida têm um PC que não fará as-is a coisa nenhuma. Têm um PC que é punido por ter cognições. Têm um PC que é punido por ser auditado e portanto têm um PC que é punido por se libertar de pedaços do banco. E se se audita o PC de acordo com esse sistema ele não terá ganhos nenhuns porque está a ser ensinado a não fazer dissipar coisa nenhuma, porque já não se vai atrever a dizer seja o que for, e porque o fazem arrepender-se de cada vez que abre a boca, visto não haver compreensão. Ele levanta os olhos, vê o auditor a tentar compreender, a tentar compreender, a tentar escutar, a tentar escutar, a tentar descobrir do que se trata, o que é, o que é, de onde vem, qual a origem, o que-da-da-da-da... se simplesmente... não, não! Têm o auditor a tentar compreender, a tentar compreender, a tentar compreender. E, é claro, nesta fase não têm um auditor capaz de duplicar o que o PC diz.

Meus Deus, ouvi PCs dizerem as coisas mais chocantes que alguma vez ouviram na vossa vida. Ora, isso nunca me sobressaltou particularmente, mas de vez em quando houve algumas coisas que me sobressaltaram. Notem que o que normalmente mais nos choca são os overts ou ocultações do PC que têm imediata e directamente a ver connosco, ou com alguém que nos é chegado ou de quem gostamos, sabem? Somos instantaneamente influenciados por esses overts e ocultações particulares.

Bem, e se toda a sessão... suponhamos que o auditor estava em tão mau estado no que respeita a duplicação que cada pedaço da audição do auditor era tão reactivo para o PC como o vosso súbito *Rrrrrr*, quando o PC acaba de vos contar uma fantástica e falsa ocultação a vosso respeito. Ora, vocês sabem como ficaram sobressaltados quando aconteceu ouvirem uma coisa destas. Bom, suponhamos que está a tentar compreender: "Onde é que ouviu isso?" sabem? Por vezes são logo arrancados da sessão, sabem?

Ele diz: "bem eu... eu tenho uma ocultação. Eu... eu vi-o..."

Vocês dizem: "sim, e daí?"

"Bem, eu vi-o uma noite destas à esquina da viela ali em cima com... bem, você sabe com quem".

"Bom, com quem? Com quem? Com quem?" sabem, "Com quem? Com quem me viu lá?" e por aí fora.

"Oh, bom... bom, você sabe. Não precisamos realmente de entrar em detalhes".

"Bem, o que quer isso dizer? Onde foi que ouviu isso? Ou seja, você próprio viu isso? Estava lá? Onde é que estava? A que horas foi? Bom, alguém mais viu?" sabem? São apanhados desprevenidos, e fazem mais perguntas do que normalmente fariam sobre outra coisa. Estão a esforçar-se por tentar compreender, porque estão presos num botão de qualquer espécie que vos diz respeito intimamente. Estão a ver isto?

Muito bem. Ora, um auditor que não é capaz de duplicar fará toda a sessão nesse estado de espírito. E não são só as coisas que lhe dizem respeito, mas também qualquer coisa que se relacione com qualquer outra coisa, o auditor acolhe isso da mesma forma, o acolhimento é o mesmo.

O PC diz: "Tem estado um dia bonito".

O auditor responde: "o quê? O quê? Onde? Onde? Onde? Quer dizer, onde ouviu dizer isso? Oh, você... você o quê? Hoje. Ah, está a falar de hoje, não de ontem. Bem, de manhã cedo também pensei que estava um lindo dia. Sim, vamos lá a ver, de que estávamos a falar? Ah, sim. O comando de audição era? Qual era o comando de audição? Sim... sim. Eu ocultei-lhe alguma coisa? Muito bem. Ocultei alguma coisa..."

Tenham cuidado com isto, meus caros. Portanto, se encontrarem uma zona ou área em que os auditores estão a passar um mau bocado a tentar duplicar um boletim, que devem então concluir também? Que eles andam há imenso tempo a tentar compreender o PC, a tentar compreender os casos, presos a todos os tipos de botões extravagantes, e que estão mesmo lá em baixo na primeira fase que vos indiquei.

Vejam, eles estão nessa fase. Vejam, se o seu moral baixa porque não são capazes de passar em nenhum dos testes de boletins, vocês sabem imediatamente como eles têm estado a manejar os PCs. Estão a ver isto? Por conseguinte o treino em duplicação é absolutamente essencial e dá bons resultados. Agora, será bem que se decidam a aceitá-lo.

Ora bem, podem ter achado ou não extremamente interessante aquilo de que vos tenho estado a falar. Naturalmente, não se aplica a vocês pessoalmente. Porém, quando treinam auditores devem saber isto. A prova de fogo que faz com que as pessoas fiquem tão pálidas e tão tensas é, por exemplo, duplicar sob o efeito do ressentimento. Vejam, elas atravessam toda a espécie de barreiras emocionais nesta acção específica. Aprendem como loucos, mas também se ressentem como loucos, vejam, porque "*Uhhhhh! Não é possível, rrrrrr!*" e assim por diante. Bem, elas também passam por essa fase.

Mas por vezes vêem um estudante que anda por aí, nas primeiras duas ou três semanas, a ficar cada vez mais pálido, cada vez mais sombrio, com os olhos cada vez mais encovados, cada vez mais macilento, e as coisas parecem ir de mal a pior.... ou parece cada vez mais apático. Podem perceber isso pela maneira como põe o carro a trabalhar, e coisas assim. Podem perceber como está a ir o novo estudante, sabem? Ao princípio, ora, liga o motor de uma maneira como que perplexa, e depois põe o carro em andamento, sabem, de forma realmente muito irada, vêem? Podem ouvir o ruído das engrenagens umas três vezes enquanto sobe a entrada, percebem? E depois acaba por ir a guinar de um lado para o outro chocando com as duas bermas, vocês conhecem o estado a que ele chegou, etc.

Tudo isto se faz pelo treino, e não é o caminho do processamento. Não considerem isto o caminho de processamento. É apenas o caminho pelo treino, porque se trata de uma nova

perícia.

No passado pediram-vos muitas vezes que memorizassem "as componentes estruturais de uma nave espacial Mark VII completa, com giro-rotores, todos os números das suas partes". Tenho a certeza de que tiveram de fazer alguma coisa dessas. Tenho a certeza de que o tiveram que fazer, numa ocasião ou noutra. E o estranho é que acabaram por ser capazes de olhar para a nave espacial, e, por outro lado, se alguém vos diz: "oh, bem, estas Mark VII... estas Mark VII voam bem baixo, e voam bem devagar, as Mark VII".

"Não, não, não", dizem vocês, "você realmente não conhece esta nave, sabe. Não sabe como operá-la. Não, quando se chega com ela à zona exterior da atmosfera, nesse momento ligam-se os refrigeradores. Não se reduz a velocidade da nave ao entrar nela. Limitamo-nos a ligar os refrigeradores lá longe, de forma a super-refrigerar todo o casco, vê? E assim que realmente se manejam estas coisas. E depois embate-se na atmosfera com um salto, sempre com um salto à primeira vez, percebe? E em seguida como que nos comprimimos nela, com tudo super-refrigerado. Entra-se com velocidade, sem perder velocidade, e corre tudo bem, vê? E em seguida há que ter os contra-queimadores em excelentes condições para que, quando descemos em direcção à superfície, e coisas dessas, no momento exacto, e para não desperdiçar combustível... estas Mark VII, temos realmente que alimentar os queimadores. E se os alimentarmos de repente e muito depressa, paramos, está a ver? Em seguida aterramos muito bem. E se estão a ter acidentes com elas é porque realmente não as conhecem".

E se aparece alguém a observar a vossa maneira de aterrar uma Mark VII... não é nada assim que a aterram, mas não há dúvida de que vocês a conhecem. Sabem como aterrar uma Mark VII, mas cada vez que aterram uma Mark VII aterram-na de maneira completamente diferente de qualquer das outras vezes. Nunca aterram uma Mark VII da mesma forma duas vezes, contudo aterram sempre e elas nunca se despedaçam e tudo termina bem. Percebem a ideia? Mas nunca pilotam a mesma nave da mesma forma dois dias consecutivos. Isto é porque a conhecem.

Por outras palavras, a rotina e o conhecimento adquirido por memorização são fracos substitutos da compreensão. E o ponto a que estou a tentar levar-vos é um ponto em que possam fazer processamento com percepção, processamento com compreensão, processamento como uso do discernimento. Se conseguir levá-los a esse ponto, darei o esforço por bem empregue, por mais "heróico" que tenha sido pelo caminho.

Obrigado.